

# Revista Sesc **arte** **educação** 2021

- Arte como investigação
- Artistando pela cidade
- Relatos de experiência
- As representações de Xadalu Tupã Jekupé

**ARTE E  
NATUREZA:**  
convites  
para transver  
o mundo





Escute o artigo



**Presidente do Sistema Fecomércio Sesc/  
Senac RS**

Luiz Carlos Bohn

**Diretor Regional Sesc/Senac**

José Paulo da Rosa

**Gerente de Educação,  
Assistência e Cultura**

Silvio Bento

**Coordenação Técnica  
Educação Infantil**

Karen Moreira

**Coordenação Técnica Educação  
Complementar e Ensino Fundamental**

Fernanda Möhelecke

**Coordenação Técnica Artes Visuais e  
Artes Cênicas**

Jane Schoninger

**Coordenação Técnica  
Trabalhos com Grupos**

Michele Bittencourt da Silveira

**Psicologia Escolar**

Júlia Köbe

**Arte Educação**

Diewerson Nascimento

**Fecomércio RS**

CNC Sesc Senac  
Sindicatos

Revista Sesc de Arte Educação  
[recurso eletrônico] / Serviço Social do  
Comércio do Rio Grande do Sul. Vol. 1, n. 1  
(set. 2021) - Porto Alegre: Sesc RS, 2021.

vi: il;

Anual (set.)

I. Arte. 2. Educação. 3. Ensino  
de Artes. I. Serviço Social do  
Comércio do Rio Grande do Sul.  
II. Título.

CDU 3:73

*Ficha catalográfica elaborada por Aline  
de Medeiros - CRB/10 - 1977*



# ÍNDICE

- 04** Apresentação
- 06** Artes na educação infantil
- 28** Arte no ensino fundamental
- 32** Ações de arte em espaços não formais
- 38** Diálogos com artistas
- 42** Relatos de experiência
- 47** Convites para transver

**Imagens:** Acervo Escolas Sesc de Educação Infantil - Sesquinho Lajeado (capa); Sesquinho Viamão (p. 2); Sesquinho Departamento Regional, Ijuí e Santa Maria (p. 3); Sesquinho Santa Maria (p. 5); Sesquinho Viamão (p. 6-7); Sesquinho Santa Maria (p. 8); Sesquinho Lajeado (p. 9); Sesquinhos Camaquã e Santa Cruz do Sul (p. 10); Sesquinho Alegre (p. 11); Sesquinho Viamão (p. 12); Sesquinho Santa Cruz do Sul (p. 13); Sesquinhos Santo Ângelo e Santa Cruz do Sul (p. 14); Sesquinho Departamento Regional (p. 15); Sesquinhos Cachoeira do Sul e Santa Cruz do Sul (p. 16); Sesquinhos Bagé, Cachoeirinha e Ijuí (p. 17); Sesquinhos Chuí, Novo Hamburgo e Santa Maria (p. 18 e 19); Sesquinho Ijuí (p. 20); Sesquinho Tramandaí (p. 21); Sesquinho Lajeado (p. 22); Sesquinho Tramandaí (p. 23); Sesquinhos Alegrete e Santo Ângelo (p. 24); Sesquinhos Santo Ângelo e Tramandaí (p. 25); Sesquinhos Ijuí, Navegantes e Santa Maria (p. 26); Sesquinhos Santana do Livramento e Tramandaí (p. 27). Acervo de escolas Sesc de Ensino Fundamental - Novo Hamburgo (p. 28-29) e Santa Maria (p. 30-31). Acervo Projeto Criar Sesc - Montenegro (p. 32-33), Caxias do Sul e Ijuí (p. 34), Erechim, Taquara, Navegantes e Tramandaí (p. 35). Acervo Sesc Maturidade Ativa - Novo Hamburgo, Lagoa Vermelha, Rio Grande, Quaraí e Tramandaí (p. 36-37). Arquivo pessoal de obras Fauna Guarani - Xadalu Tupã Jekupé - imagens cedidas pelo artista (p. 38-41). Banco de imagens iStock.

# APRESENTAÇÃO

O Sesc/RS acredita na realização de ações educativas em arte que dialoguem tanto com espaços formais quanto não formais na proposição de experiências criativas que sejam reflexivas, produzam pensamentos críticos e afirmações sobre as relações estabelecidas entre Educação, Território e Vida. Nesse sentido, esta primeira edição da Revista Sesc de Arte Educação oportuniza um espaço necessário e aberto à produção de novos diálogos entre educadores, artistas e pessoas interessadas nos diferentes saberes que se entre cruzam no campo da Arte Educação.

Ao reunirem em um único espaço discussões sobre obras de arte contemporâneas, diálogos com artistas e relatos de experiências produzidos por pessoas que fruem, vivenciam e pesquisam arte em seu cotidiano, a instituição vislumbra a promoção de uma educação mais dialógica, participativa e respeitosa às diversidades de culturas. Logo, as ações educativas compartilhadas nesta revista refletem uma abordagem de ensino e aprendizagem que opta por “fazer com” as pessoas e não mais “fazer para” elas. Essa atitude colabora na efetivação de um modo de olhar, pensar, sentir e criar coletivamente junto das crianças, jovens e/ou idosos entendendo os diferentes tempos, espaços e contextos necessários para que haja o aprofundamento com as linguagens artísticas em diferentes faixas etárias.

A temática ARTE e NATUREZA: convites para transver o mundo nos força a perceber além do óbvio e tangível ao olhar. Nos convida ao mergulho em experiências de profundidade tanto nas investigações quanto na produção de conhecimento; reforça a inseparabilidade da humanidade e natureza, o que também nos possibilita refletir sobre os impactos gerados pela ação/intervenção humana no ambiente natural. Conscientização ambiental é uma das preocupações que permeiam o espaço escolar. Esperamos que a revista possa ser reconhecida como um elemento de mediação que chama para o estudo e reflexão, inspira ao apresentar práticas que convidam ao diálogo com obras artísticas contemporâneas advindas de diferentes áreas.

No eixo *Educação Infantil*, educadoras das 18 Escolas da Rede Sesc trazem a preocupação de oportunizar vivências com as crianças que aproximem a natureza enquanto temática que permeia a organização dos espaços da escola, a sensibilização de novas materialidades, texturas, cores, cheiros e sons - impulsionando o entendimento sobre a durabilidade e o ciclo de vida das coisas que estão no mundo.

Já no eixo *Ensino Fundamental*, as relações que permeiam as experiências compartilhadas foram a conscientização corporal, o cuidado de si e a promoção de experiências coletivas que incentivem o respeito e o diálogo com diferentes culturas que apoiem o desenvolvimento do ser humano, visando a melhor compreensão de si mesmo, do mundo, de suas potencialidades, do contexto em que vive, de sua capacidade de realizar escolhas e de colaborar para a sociedade.

No eixo *Ações educativas em espaços não formais*, o território assume uma preocupação importante na promoção de uma educação emancipatória e cidadã tanto no projeto Criar Sesc quanto nas ações com idosos do Programa Sesc Maturidade Ativa.

No eixo *Diálogos com artistas*, Xadalu Tupã Jekupé, a partir de fragmentos de sua exposição “Fauna Guarani”, nos convida a nos aproximarmos da cultura indígena Guarani Mbyá e conhecermos outros modos de viver e pensar o mundo.

Ao final, temos alguns *relatos de experiência* de educadores convidados sobre práticas musicais, dançante e teatrais. Esperamos que nas próximas edições outras pessoas se sintam convidadas a também colaborarem com esse trabalho que está apenas dando seus primeiros passos na promoção de diálogos interdisciplinares em Arte Educação.



Escute o artigo



## EIXO 1

# EDUCAÇÃO INFANTIL:

A ESCOLA E A CIDADE  
COMO QUINTAIS  
ABERTOS A SEREM  
CONHECIDOS



# ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA – OBSERVANDO E CONHECENDO O TERRITÓRIO

O contato com a natureza possibilita a autonomia e desenvolve a criatividade das crianças. Quando trazemos o ambiente externo atrelado ao contexto escolar, por meio de uma intencionalidade pedagógica que promova a conexão com os elementos da natureza e o contato com diferentes materiais, contribuimos para uma educação que busca o “desemparedamento da infância” (BARROS, 2018).



O convite para uma educação emancipadora, que proporciona a interação com elementos naturais, se dá a partir de uma abordagem conectada com a vida, interessada nas sensações e experiências estéticas, nas hipóteses e pensamentos produzidos pelas crianças.

Nesse sentido, desemparedar a infância pode ser pensado como um movimento educativo que visa construir experiências que se conectem com o território da cidade e com a vida que há para além do espaço escolar. É preciso inventar possibilidades de subverter a ordem higienista que muitas vezes rege as práticas educativas de crianças pequenas. Perfurar os blocos de concreto e plástico para experienciar, junto das crianças, um modo de compreender a natureza não como um objeto a ser estudado e distante de nossa vida, mas sim como algo que também faz parte de nós e que nos constitui num grande sistema em que tudo está intimamente ligado; onde cuidado e atenção fruti-

ficam e crescem ao passo que o desprezo e a não atenção causam adoecimento e diminuem a nossa potência de existir.

Diversas pesquisas apontam a escassez de espaços abertos e arborizados nas escolas contemporâneas e, por consequência, o aumento de adoecimentos à saúde mental de crianças que convivem diariamente em espaços cada vez mais restritos não somente em metragem física, mas também em convites a experimentações que mobilizem os sentidos e sensibilidades do corpo. Assim, é necessário promovermos uma educação que inclua no currículo momentos de interação, adaptando as proposições de brincadeiras, pesquisas e experimentações para espaços abertos e livres para movimentação, atentos às aprendizagens geradas em diferentes contextos. Galhos, folhas, sementes e outros materiais coletados na natureza têm um grande potencial educativo. Nas mãos das crianças, esses elementos permitem que sejam desenvolvidas suas capacidades imaginativas e criativas, trans-



formando o mundo à sua volta. Por isso, o Sesquinho Lajeado nos lembra que é importante que a escola possa estar conectada à vida, promovendo a interação com o que está para além de seus muros: passeios, saídas de campo e encontros com a cidade e com o território.

Fazer uma pesquisa com as crianças sobre os espaços da cidade a partir de um mapa (impresso ou virtual) pode ser uma maneira interessante de compreender a “geografia afetiva” do território ao redor da escola. Identificar, em um mapa, os lugares que as crianças mais acessam, construir gráficos e desenhar possíveis percursos e distâncias sobre as partes da cidade que elas têm mais curiosidade em conhecer, podem ser boas estratégias. A partir das respostas, articular, junto com escola, uma logística para realizar passeios de ampliação cultural e saídas de campo, a fim de que as crianças possam olhar, tocar e sentir a cidade por si mesmas, coletar elementos que a natureza tenha deixado pelo cami-

## TRAÇANDO MAPAS AFETIVOS DA CIDADE

nho e pensar um jeito de criar alguma coisa interessante com eles. Paralelamente a isso, talvez seja interessante dialogar nessa pesquisa com culturas locais, elaborando junto com a família e comunidade escolar um grande compilado de histórias sobre esse território, que podem ser dramatizadas em um roteiro “de faz de conta”, transformadas em uma história coletiva adaptada pelas crianças. Pesquisar o passado para compreender o presente e projetar um futuro diferente em que as pessoas respeitem e se sintam mais próximas da natureza deveria ser um objetivo comum da educação.



## OLHARES QUE QUESTIONAM E IMAGINAM

O poeta Manoel de Barros nos convida a escovarmos o pensamento lógico que engessa e fragmenta o olhar do adulto sobre o mundo. Não temer as texturas, temperaturas e cores daquilo que desconhecemos. No poema Achadouros, por exemplo, ele afirma “Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande [...]. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade” (BARROS, 2018, p.31).



Com essas palavras, o poeta nos sugere que sejamos mais curiosos para conseguirmos capturar e apanhar os desperdícios, ou seja, aquilo que cotidianamente é desconsiderado pelos olhares fadigados e que, no campo de visão da criança, pode ser um elemento rico de imaginação. Ao buscar inspiração em suas experiências infantis, ele nos provoca a conhecer a vida por lentes que busquem transver e enxergar as coisas para além do que nos parecem à primeira vista.

Olhar, sentir, questionar, brincar e imaginar são verbos interessantes para quem deseja se aventurar no universo poético da infância, que percebe que o quintal pode ser maior do que a cidade, visto que as experiências são medidas pela relação de intimidade que temos com o mundo e não pelo tamanho das coisas em si. Uma concha, uma pedra, uma folha aos olhos de uma criança podem ganhar diferentes significados e funcionalidades para brincadeira.

Por isso, acreditamos que, ao interagir com diferentes elementos naturais, as crianças realizam uma complexa experiência educativa, procurando, em suas subjetividades, entenderem tais elementos por meio de pesquisas que interrogam suas características, texturas e formas, que buscam compreender a biologia, a história e a cultura que permeiam aqueles elementos e que refletem sobre as conexões que coexistem entre eles, nós e o espaço. Sendo assim, é fundamental que, enquanto educadores, também curiosos, possamos oferecer às crianças vivências de qualidade, que instiguem e agucem sua curiosidade na elaboração de diferentes respostas.

A fotografia pode ser um dispositivo bastante interessante para o desenvolvimento de pesquisas com as crianças. Por meio dos registros feitos pelo olhar infantil, é possível conhecermos um pouco sobre o que lhes desperta interesse e curiosidade. Promover um espaço de partilha para que a turma consiga conhecer as imagens capturadas pelos colegas pode também ser uma boa entrada, pois o ângulo em que

uma pedra foi fotografada pode convidar os outros olhares a interpretar aquela imagem em outros contextos. De acordo com Gobbi (2017, p. 97), tanto as fotografias, quanto os desenhos infantis “[...] podem vir a estabelecer um diálogo entre os mundos infantil e adulto, compreendendo as crianças como criadoras e partícipes desse universo representativo até então prevalentemente adulto”.





# FOTOS INSTANTÂNEAS QUE CAPTURAM O PRESENTE

Nem sempre temos celulares ou câmera fotográfica disponíveis e compatíveis ao número de crianças da turma para fotografar as saídas de campo. Esses objetos vão passando de mão em mão e, durante esse momento de espera, o que fazer? Como poderíamos ir aquecendo e exercitando o olhar a produzir imagens?



Na atualidade, muitas câmeras fotográficas são conhecidas por imprimir as fotografias instantaneamente após sua captura. Que tal pensarmos em uma forma de emoldurar esses momentos em uma fotografia efêmera? Utilizando molduras de porta-retrato, retalhos de papelão cortados em formas vasadas, cones de linha ou qualquer outro objeto/material com que se possa espiar, podemos criar um equipamento brincante que imita essas câmeras fotográficas e também revelam o instante, convidando as crianças a exercitar a observação e a seleção de imagens, valorizando sua forma de visualizar o mundo. Em um breve movimento, a imagem se dissolve e dá espaço para que a imaginação escolha outro ângulo; a partir da seleção retratada, o grupo de crianças pode ser convidado a espiar também o cenário escolhido pelo autor. Selecione junto das crianças formas que possam provocar o olhar a enquadrar e capturar um momento. Uma outra

possibilidade é a criança que capturou as imagens pelas molduras narrar as coisas que está vendo enquanto outro grupo desenha o cenário observado pelo colega.

## POR UM BRINCAR PARA TODOS COM MAIS NATUREZA E MENOS PLÁSTICO

É comum encontrarmos na escola brinquedos feitos predominantemente de plásticos que imitam o mundo adulto em reproduções adaptadas com peças sintéticas de pouca flexibilidade e variação de textura. À medida que as teorias educacionais foram evoluindo, as formas de imitar o mundo e adaptá-lo para o universo infantil também foram sendo aprimoradas. Porém, nem sempre a intencionalidade das indústrias era ofertar algo para criar uma relação de intimidade no brincar, mas sim ser uma ferramenta que possibilitaria à criança experimentar diferentes papéis sociais da vida contemporânea. Os brinquedos plásticos oferecidos às crianças trazem consigo uma carga de informações engessadas que tendem a reduzir o potencial imaginativo. A boneca, por exemplo, já acompanha uma série de roupas para trocar e uma casa para brincar; o carro já vem com um kit das ferramentas que se julgam necessárias para interagir etc. Acreditamos que, além dessa “plastificação do brincar”, o mais preocupante são as constantes investidas de separação dos brinquedos por gênero masculino ou feminino, o que no popular se chama de “brinquedo de menino ou de menina”. O mercado de consumo e a indústria estabeleceram que a cor azul representaria o grupo masculino, enquanto o rosa indicaria o grupo feminino. No entanto, é sempre válido lembrar que as cores não têm gênero, muito menos os brinquedos. Diante de uma diversidade de aparatos e possibilidades que os brinquedos contemporâneos apresentam, Gandhi Piorski (2016) reforça a necessidade de pensarmos o brincar espontâneo pela relação com a natureza – um brincar mais natural produzido de terra, água, madeira, cipó etc. Segundo o autor, a simplicidade está recheada de potência, pois “quanto mais simples a casa de brincar, os esconderijos de materiais naturais, maior a complexi-



dade e os enraizamentos imaginários [...]. Por outra via, quanto mais sofisticado, de material sintético, frio e imitador de realidades, [...] menores as sinapses de imersão que [...] aprofundam a imaginação [...]” (PIORSKI, 2016, p. 76).

Um cesto na sala com elementos da natureza foi o convite para Thomas, do Sesquinho Santa Cruz do Sul, iniciar seu brincar. Lorenzo sentiu-se convidado a compartilhar com o amigo essa brincadeira. Ambos não verbalizavam entre si, mas através de olhares e gestos, foram articulando as combinações dessa relação e, juntos, construíram casas para os animais.



Segundo Gisela Wajskop (2012), é importante compreendermos que, a partir do brincar, as crianças ressignificam seus modos de ser, estar e de se relacionar com e no mundo. O ato de brincar envolve o corpo inteiro da criança e possibilita o desenvolvimento da imaginação, da experimentação de diferentes papéis pelo jogo simbólico ou mesmo de se relacionar com seus pares na convivência em sala. O brincar livre e não estruturado proporcionado pela interação com os elementos da natureza é constituinte para a criança, ou seja, a auxilia a compreender seu lugar no mundo e na relação com outros seres, espécies e espaços. No livro Saberes da Floresta, Márcia Kambeba nos presenteia com o poema Crianças da Beira, que fala sobre a infância numa perspectiva indígena, destacando as aprendizagens e experiências corporais que a criança se coloca no diálogo com o rio, com os animais da mata e com a medicina natural (KAMBEBA, 2020, p. 154-155). As cosmologias indígenas que

representam a complexidade de saberes dos povos originários ao buscarem expressar a origem do universo e da vida humana reforçam a inter-relação entre a humanidade e a natureza: não há vida sem natureza. Nesse sentido, é imprescindível que, ao organizarmos sessões de aprendizagem ou mesmo ao pensarmos a seleção de materiais para constituição de espaços para brincar na sala e área externa, consideremos a proporção entre brinquedos plásticos e elementos naturais. Não tenha pressa, pois essa nova configuração pode ser elaborada aos poucos, em uma saída de campo que possibilita que as crianças possam coletar alguns formatos de folhas e sementes ou em outra ocasião na qual arrecadem pedras. Assim, coletivamente, o espaço poderá ser constituído de modo afetivo e colaborativo pelo grupo.



## DESCOBERTAS DO COTIDIANO - CONEXÕES ENTRE ARTE, EDUCAÇÃO E NATUREZA

Como bem nos lembra Diana Tubenclak (2020), é importante garantirmos a presença de elementos naturais que falem sobre a região em que a escola está situada. No entanto, como adverte a autora, é importante não confundirmos as coisas, já que trabalhar com materiais advindos da natureza não deve ser sinônimo de “desflorestamento”.



Tendo em vista a conscientização dos impactos gerados pela humanidade no ambiente, é importante pensarmos essa coleção de elementos de forma desapressada, possibilitando que a coleta aconteça a partir do que já estiver disponível no solo; a natureza é generosa e nos faz convites para brincar deixando suas preciosidades no chão, próximas de nossas mãos. Diana Tubenclack reforça a “importância da diversidade de materiais, como: sementes, flores, galhos, areia, frutos, pedras, terra, argila, pedaços de madeira ou bambu [...]. Como qualquer outro tipo de material, a presença atenta dos adultos é imprescindível em relação aos cuidados [...] próprios dessa faixa etária” (TUBENCLACK, 2020, p. 45).

Nesse sentido, como bem nos lembra o Sesquinho Departamento Regional (Porto Alegre), as proposições e interações com os bebês a partir das suas relações com elementos da natureza são de suma importância para o processo de investigação pedagógica promovido em contextos que acolhem e sustentam as curiosidades, as descobertas e os interesses presentes na infância.



nação, como as penas perdidas por um pássaro, as pedrinhas entre o asfalto e a calçada, a semente de uma árvore desconhecida e galhos que tinham forma de gente. Nos próximos passeios que fizeres com tua criança, abras também teus olhos e sentidos para os convites poéticos e imaginativos que o caminho sugere.

O Sesquinho Bagé reforça que, pela exploração dos elementos da natureza, as crianças alavancam uma diversidade de criações com o que lhes é colocado à disposição, permitindo um contexto imagético carregado de significações.



NOTE 9S  
AD CAMERA

## CAMINHARES POÉTICOS DE UM MUNDO QUE SE DEIXA APANHAR

Levamos daquelas caminhadas até o centro da cidade? De quando saíamos de dentro de casa e pisávamos na areia ou na grama sentindo com os pés as texturas que o mundo possui? Nossos olhos adultos talvez não percebam, mas os olhares infantis também passeiam e às vezes encontram alguns elementos que chamam atenção e lhes aguçam a imagi-



“É UMAS BOLINHAS!”  
(GUSTAVO, 4 ANOS)

“É UM BRINQUEDO, EU ACHO!”  
(GUSTAVO, 4 ANOS)

“ISSO É SOJA, GUSTAVO!”  
(JOAQUIM, 4 ANOS)



As folhas de árvores e galhos resultantes da poda do jardim da escola transformaram-se pelo olhar ágil das educadoras num material potente para investigação das crianças. A partir de um contexto organizado pela escola no pátio externo, as crianças experimentaram diferentes texturas: algumas mais ásperas, outras mais macias e lisas. Entraram em contato com elementos que não eram familiares a todos. Em uma conversa, Joaquim e Gustavo, do Sesquinho de Ijuí, observam e manuseiam a vagem da soja. Passam um tempo fazendo suposições, tirando as sementes e guardando em um pote. O Sesquinho Santo Ângelo também tem aproveitado os momentos de saídas da escola para conhecer a cidade junto com as crianças e coletar materiais interessantes para a elaboração de produções efêmeras – aquelas experiências que são montadas por um impulso brincante, que vão recebendo novos olhares e depois se desmontam e vivem apenas na memória de quem criou ou nos registros fotográficos. Com os materiais disponíveis, elas brincam de criar enredos, transformam cada elemento em diferentes personagens e fazem dessas composições uma infinidade de possibilidades simbólicas de brincar. As possibilidades de criação também nos inspiraram a buscar formas de diminuir o distanciamento trazido pela pandemia. A natureza, na proposta feita pelo Sesquinho Cachoeirinha, é pensada como um meio de as crianças produzirem uma homenagem aos colegas e manifestarem seu carinho e sua saudade. A construção de um cenário a partir de elementos da natureza aliados a uma fotografia enviada pela escola possibilitou que as crianças fortalecessem os vínculos com os colegas, construindo um sentido de coletividade, pertencimento e amizade.



# VENTO E BARRO

Ao pensar na palavra natureza, o Sesquinho Chuí nos provoca à reflexão de que muitas vezes nossa imaginação nos evoca a associar a natureza ao que é verde, lembrando imediatamente das folhas e das árvores. Mas se formos analisar mais a fundo, a natureza é um signo tão amplo, que até o próprio dicionário o define de forma rasa, geralmente descrevendo como um “conjunto de elementos e fenômenos naturais”.

**A**o avançar nas pesquisas, torna-se possível perceber que, para além das definições já sistematizadas, os elementos da natureza se fazem presentes até mesmo no simples ato de respirar.

O vento oportuniza às crianças interagir e brincar com um elemento instável e fluido que convida ao movimento. No livro *Eco-arte com crianças*, a arte-educadora Anna Marie Holm (2017) apresenta diversas experimentações feitas com crianças em ambientes externos a partir da pesquisa com o vento. Nas ações compartilhadas por ela, é possível brincar com seu movimento, pintar, correr com ele e exercitar a leitura das páginas dos gibis que o vento vai virando. Holm (2017, p. 108) nos alerta “[...] que não é mais possível sustentar que todas as vezes as atividades artísticas com crianças terminem com uma obra física, que em seguida deve ser exposta. Essa atitude não corresponde ao pensamento ecológico”. Essa atitude de pensar uma docência ligada à ecologia possibilita que consideremos o valor atribuído no percurso, pois a própria caminhada e seleção dos materiais eleitos e colhidos pelo olhar infantil são mais interessantes do que a criação de algo

para expor ou para cumprir uma entrega. Outros elementos da natureza que se fazem presentes e que muitas vezes na cultura da escola são tão comuns que passam despercebidos são a terra e a água que, ao se misturarem, transformam-se em uma massa que convida a ser amassada, manipulada e sentida, deixando-se provocar por atitudes diferentes como a estranheza e a contemplação dessa estesia gerada no corpo a partir da textura gelatinosa do barro ou argila.



## O VENTO QUE SAI DA BOCA E FAZ SOM

Nosso corpo é feito de água, sangue, músculos, cabelos, dentes e também de ar! Seja o ar produzido internamente pelos pulmões e a contração dos órgãos internos ou mesmo pelos gestos e movimentos que externamente produzem ventos. No entanto, tem um tipo de vento que sai do corpo que precisa muita concentração para deixá-lo “escapar” pela boca: o assobio. Você já tentou assobiar? Se empurrarmos o ar para fora, um tipo de som é produzido; se puxamos para dentro, é outro. Entre graves e agudos, esses sons se jogam no espaço brincante. Você lembra de outra forma com que o vento interage conosco? Avião de papel, pipas, cata-ventos, barco a vela são alguns brinquedos que também podem com o vento se movimentar.



# ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇOS E INTERAÇÕES NATURAIS PARA BRINCAR E CRIAR

A configuração do espaço da escola para além dos corredores e paredes internas necessita considerar também os limites externos da sala de referência. Em um primeiro entendimento, o termo “organização de um espaço” pode induzir a uma perspectiva de tentar estabelecer uma ordem e harmonia entre elementos distintos.



No entanto, é importante ampliarmos o conceito de espaço na educação infantil compreendendo as diferentes dimensões que o compõem. De acordo com Maria da Graça Souza Horn (2004), é fundamental que haja interação da criança e construção de significações subjetivas a partir das intencionalidades estabelecidas. Em outras palavras, a organização criteriosa do “para tudo há um lugar” pode engessar uma atuação mais exploratória da criança, que pode se sentir intimidada em desfazer a ordem organizada. Nesse sentido, pensar a organização de um espaço no âmbito educativo da pluralidade das infâncias exige

também uma aproximação com a relação estética e também com as intencionalidades. O espaço não pode ser docilizador dos corpos e aprisioná-los. Pelo contrário, deve ser generoso a tal ponto de estar aberto a uma expansão do tempo e das possibilidades de interação. O Sesquinho Ijuí, pensando num modo diferente de organizar uma sessão de aprendizagem que instigasse as crianças a pesquisar sobre diferentes sementes, projetou no pátio externo alguns convites para brincar.

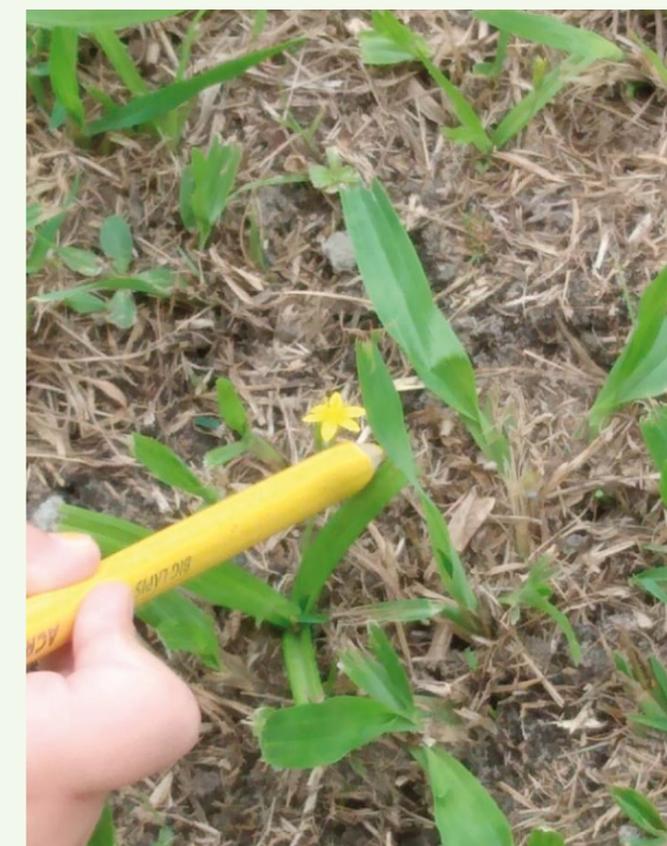
Espaços que convidam à investigação, à pesquisa e à experimentação de jeitos diferentes de desenhar e pintar. Conforme o Sesquinho Santa Rosa evidencia na organização de um espaço criativo, folhas selecionadas, suportes de papelão, cola, galhos e sementes provocam as crianças a encontrar um modo de se relacionarem intimamente com esses materiais.

A intencionalidade do educador contribui para que a atitude investigativa da criança seja realizada em sua plenitude.



A seleção de materiais proposta pela Sesquinho Tramandaí possibilita que a criança pesquise as diferentes cores dos materiais coletados a partir da pesquisa sensório-explorativa de raspar as folhas e observar o que sai em forma de pigmento no papel, compondo um desenho efêmero e que também leva à possibilidade de comparação com as cores e com os materiais convencionalmente utilizados na sala para colorir (lápiz de cor, hidrocor, giz de cera etc).

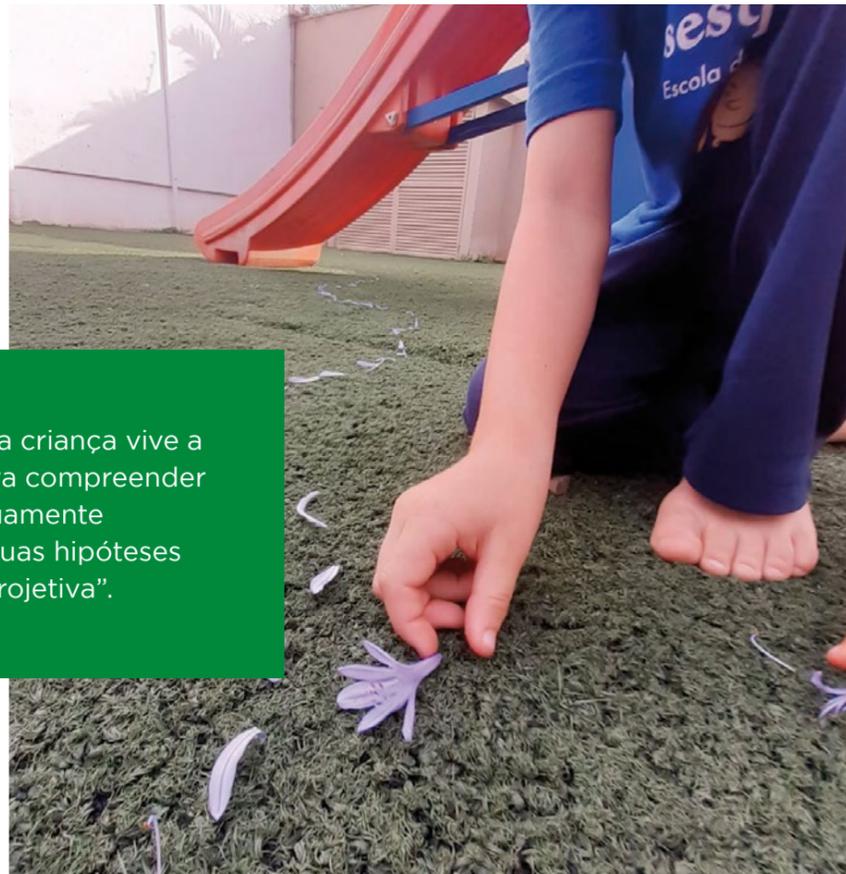
Segundo Edith Derdyk (2015, p. 27), tanto o ato de criar quanto o de conhecer possuem coisas em comum, pois “[...] ambos suscitam a capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar, significar. Na busca do conhecimento reside a profunda motivação humana para criar. O homem cria porque necessita existencialmente”. A criança, por sua vez, ao brincar e desenhar, age de um modo criador e manifesta sua necessidade de comunicação e expressão. No entanto, é preciso dar atenção para o modo como os educadores têm organizado espaços e experiências que colocam o desenho, por exemplo, como uma ação de produção de pensamento e conhecimento sobre o mundo. Como a própria Derdyk nos convida, é preciso irmos além do papel e do marcador, pois desenhar é algo que envolve o corpo todo. Na fotografia abaixo, feita pelo Sesquinho Lajeado, é possível percebermos o momento em que uma criança exercita a produção de grafismos efêmeros utilizando pétalas de flores para demarcar um caminho que liga o escorregador ao balanço; uma linha móvel que além de cor e forma, também tinha cheiro.





# O DESENHO É UMA ATITUDE INTELIGENTE.

Segundo Derdyk (2015, p. 59, grifo nosso), “a criança vive a inventar explicações, hipóteses e teorias para compreender a realidade. O mundo para criança é continuamente reinventado. Ela reconstrói [pelo desenho] suas hipóteses e desenvolve sua capacidade intelectual e projetiva”.



O Sesquinho Santo Ângelo, a partir de uma proposta de observação dos fenômenos naturais que acompanham a germinação de uma batata-doce imersa em água, convidou as crianças para que, através do desenho, buscassem evidenciar as principais mudanças que estavam acontecendo nesse experimento. Martina experimenta o desenho enquanto uma vivência criativa que se mescla a um registro por meio da ilustração que nos auxilia a compreender melhor os pontos observados por ela. Da mesma forma, o Sesquinho Santa Maria nos faz pensar sobre a importância de provocarmos experiências de plantio, de mão na terra e de cuidado, experimentando novos sabores e compreendendo quanto todos estamos interligados enquanto ecossistema.



Para ampliar as possibilidades de comparação das tonalidades e jeitos de desenhar, um bom caminho pode ser o da produção de pigmentos naturais e de construção de pincéis com materiais coletados, como nos exemplificam o Sesquinho Tramandaí e Ijuí.



Os galhos são transformados em brinquedos: os bonecos criados pelas crianças do Sesquinho Navegantes (Porto Alegre) e Ijuí com o apoio de suas famílias. Esses personagens nascem a partir de uma interessante relação de enrolar e amarrar retalhos de linhas – a linha maleável dos fios de lã abraçam as linhas rígidas com que os galhos de árvores são constituídos. Na natureza, encontramos uma infinidade de cores, de aromas e de sabores, elementos que são um tesouro a explorar, uma imensidão para investigar, onde olhares atentos e muita curiosidade permeiam uma relação de vida.

Folhas reunidas a partir do imaginário infantil se tornam pontes, escadas ou mesmo tetos de cabanas, conforme partilhado pelo Sesquinho Santana do Livramento.

Sobre a relação de criação que o espaço natural suscita nos corpos infantis, a educadora Amanda Mujica, do Sesquinho Bagé, compõe um poema que fala sobre as aprendizagens geradas pela relação com diferentes materiais na educação infantil.



## CRIAR E INVENTAR NOVOS ENREDOS

Cada coisa que invento, eu me permito  
Cada coisa que transformo, vira única  
Cada detalhe mexido, vira emoção  
As coisas fluem com o coração  
A criança é assim...  
Pura vivacidade no olhar  
No dizer  
No pensar  
No experienciar  
Tudo é de se emocionar  
Tudo é de se apaixonar  
As poéticas da infância falam  
E vai muito além das materialidades  
O que se vivencia  
Nunca mais se esquece  
Cada coisa que se inventa jamais perece.  
(Amanda Mujica - SESQUINHO BAGÉ)



### REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. Memórias inventadas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018.
- BARROS, Maria Isabel Armando de (Org.). Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza. 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Alana/Criança e Natureza, Julho de 2018.
- GOBBI, Marcia Aparecida. Crianças, fotografias, derivas In CUNHA, Susana Rangel Vieira da.
- CARVALHO, Rodrigo Saballade. Arte contemporânea e Educação Infantil: crianças observando, descobrindo e criando. 1ª ed. Porto Alegre: Mediação. P.89-102.
- DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. 5ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.
- HOLM, Anna Marie. Eco-artecom crianças. 2ª ed. Tradução de Felipe Bevilacqua Santos Romano. São Paulo: Ateliê Carambola/AVForm, 2017.
- HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. Sabres da Floresta. São Paulo: Jandaíara, 2020.
- PIORSKY, Gandhy. Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.
- TUBENCHLAK, Diana. Arte com bebês. São Paulo: Panda Books, 2020.
- WAJSKOP, Gisela. Brincar na Educação Infantil: uma história que se repete. 9ª ed. Coleção: questões de nossa época, nº 34. São Paulo: Cortez, 2012.

**EIXO 2**

**ENSINO FUNDAMENTAL:**

**EXPERIÊNCIAS  
CONECTADAS  
À VIDA**





# ENSINO FUNDAMENTAL: EXPERIÊNCIAS CONECTADAS À VIDA

A escola é um espaço privilegiado de relações e interações, no qual é possível dialogarmos com opiniões próximas às nossas e também ouvirmos posicionamentos que tragam novos vieses e nos convidem a analisar assuntos a partir de diferentes perspectivas. Olhar de um outro prisma, observar, escutar, acolher outra forma de pensar o mundo, por exemplo, podem ser exercícios importantes para uma convivência sadia e respeitosa.



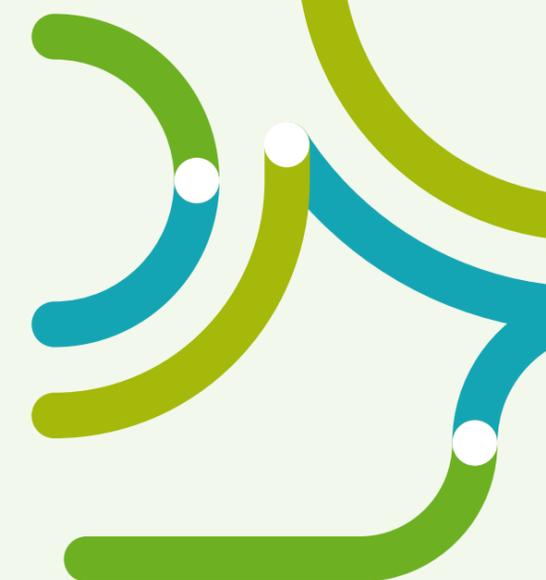
Todas as experiências perpassam, acontecem com e pelo corpo, afetando-o de alguma forma. De acordo com a psicanalista e professora Hélia Borges (2019, p. 53-54), é pelo saber que a arte carrega em si que entramos em “[...] contato com aquilo que ainda não pode ser nomeado, mas que se apreende pelas movimentações, pelos ritmos dos corpos, como na dança, por exemplo”. As aprendizagens adquiridas por meio da arte são geradas por um viés que pensa sensivelmente com o corpo todo.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a promoção de práticas educativas que tragam oportunidades de diálogo, pesquisa e construção de hipóteses sobre as características dos corpos infantis que habitam a escola se tornam um eixo imprescindível para que as crianças também celebrem a diversidade de culturas que ocupam o espaço plural que é a escola. O brincar, por sua vez, possibilita uma experiência ao mesmo tempo individual e coletiva de reconhecimento e conscientização sobre suas ações e

como elas refletem na relação com o outro. De acordo com Isabel Marques (2012, p. 32), é importante lembrar que “o corpo está presente em praticamente todas as manifestações lúdicas do ser humano. O corpo faz parte e é elemento primeiro para realização das possibilidades de conhecimento, percepção, interação e até mesmo de transformação das brincadeiras [...]”. Por isso, investigar diferentes formas de utilizar o espaço da sala de referência na geração de aprendizagens desafiadoras se faz importante para entendermos a educação de um modo conectado à vida. As Escolas Sesc de Ensino Fundamental em Novo Hamburgo e Santa Maria buscaram investigar diferentes modos de experimentar o ato de desenhar: no chão, debaixo da mesa, perto da janela, a partir da sombra projetada no espaço externo. Em um segundo momento, a pesquisa levou as crianças a selecionar diferentes materialidades para desenhar: a rigidez dos galhos, na visão das crianças, possibilitou uma associação à estrutura óssea do corpo – pois o galho, as-

sim como os ossos do corpo, “é forte, mas também pode quebrar”. Dentre os materiais coletados, apareceram folhas de árvores secas, cascas e galhos de árvore, além de sementes e grãos. A forma curiosa com que as crianças olham para os elementos trazidos para sala de referência possibilitou aos adultos conhecer um modo de criação de composições de linhas e formas que ora apareciam pela verbalização de histórias, ora pelo simples gesto de aproximar, equilibrar, entortar, trançar, colar, furar. Os galhos secos dançam nas mãos ágeis das crianças da Escola Sesc de Ensino Fundamental de Novo Hamburgo, transformando-se em bonecos de palito, em batutas de maestros musicais ou mesmo em varinhas mágicas. As sementes e grãos trouxeram para as crianças da Escola Sesc de Ensino Fundamental de Santa Maria um modo diferente de produzir autorretratos. Pesquisas sobre os contrastes de cores e de formas desafiaram a comunicação entre olhar/mão. A concentração em preencher uma pe-

quena lacuna com um grão de feijão, por exemplo, trouxe maior atenção e paciência às crianças que, quando desenhavam no papel, tinham mais destreza e velocidade. Por isso, desenhar com grãos e sementes exercitou uma relação de maior proximidade com esses elementos tão diferentes em forma, textura e peso. A possibilidade de umedecer o autorretrato possibilitou, com o passar do tempo, acompanhar modificações no rosto desenhado, que brotava e germinava. Um desenho repleto de vida que aos poucos se desfazia do preto, deixando surgir o amarelo, o marrom, e, finalmente, dissolvendo-se em tonalidades de verde.



#### REFERÊNCIAS

- BORGES, Hélia. Sopros da pele, murmúrios do mundo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.
- MARQUES, Isabel A. Interações: crianças, dança e escola. (Coleção Interações). São Paulo: Blucher, 2012.

## EIXO 3

A CIDADE COMO

UM TERRITÓRIO

DE CUIDADO,

CONVIVÊNCIA E

CONHECIMENTO





# A CIDADE COMO UM TERRITÓRIO DE CUIDADO, CONVIVÊNCIA E CONHECIMENTO

Há um ditado africano antigo que nos convida a pensar que necessitaríamos de uma aldeia inteira para educar uma criança. Pensando nessa relação de coletividade e diversidade de saberes tão importante para a promoção de uma educação em nível integral, o projeto Criar, desenvolvido pelo Sesc em diversas cidades do Brasil, busca trazer o eixo do território enquanto um espaço formativo e colaborativo, gerador de aprendizagens (SESC, 2020).



çados e sentirem os pés descalços tocando o chão úmido”. Um ato simples de tirar os sapatos e sentir o chão trouxe para o Arthur (7 anos) um significado especial, pois segundo ele: “Nunca imaginei que fosse tão bom pisar na grama sem calçado. Foi minha primeira vez”. São falas como essa, carregadas de afeto e significado, que incentivam a equipe a buscar novas formas de dialogar com a cidade e de proporcionar modos de (re)conhecer os espaços pela sensibilidade.



No RS, as cidades de Caxias do Sul, Erechim, Montenegro, Porto Alegre, Taquara e Tramandaí nos convidam a refletir mais sobre a importância do cuidado, da interação e da aproximação com diferentes lugares e espaços da cidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento e cidadania. Em contato com a natureza, as crianças agem livremente, criam brinquedos e brincadeiras diferentes dos convencionais, conectam-se com o meio que as cercam e socializam-se mais afetivamente, tendo experiências enriquecedoras que contribuirão para o seu desenvolvimento integral. No Projeto Criar de Montenegro/RS, as crianças frequentam praças e outros espaços que possibilitam o contato com a natureza. Percebemos o quanto a vivência nesses espaços incentiva a criatividade e espontaneidade, a autonomia e a socialização da forma mais natural. As crianças demonstram se sentirem livres e à vontade para expressar seus sentimentos e exercitar seus corpos a partir dos diferentes contextos. Nessa relação de

exploração do território e de reconhecimento da cidade, criam-se vivências e aprendizagens enriquecedoras para o desenvolvimento de memórias afetivas (MOLL, 2012). Quando a criança se movimenta, olha, ouve, toca, cheira e experimenta as possibilidades que estão presentes na natureza, aumenta seu repertório e aprende sobre o que está a sua volta com muito mais prazer e significado. O cuidado com a terra convida as crianças a reconhecer os impactos da ação humana e da importância do acompanhamento para que as plantas, legumes e vegetais cultivados cresçam saudáveis e possam render uma alimentação livre de agrotóxicos e pesticidas. Essa experiência tem contribuído para a ampliação do paladar, visto que a criança se sente mais interessada em degustar daquilo que ela cultivou. Em Caxias do Sul e Ijuí, a possibilidade de criar uma horta de chás foi colocada em prática juntamente com as crianças; além do plantio e do cuidado, também se exercitou a responsabilidade coletiva. O espaço foi pensado para

também ser utilizado pela comunidade, que colaborava com a manutenção e distribuição de mudas de chás, além de contribuir com conhecimento e afeto. Trazer as mesas e materiais para um ambiente externo, desenhar na praça ou na calçada ganham um significado diferente para as crianças que, principalmente nas grandes cidades, acabam pouco usufruindo de espaços naturais para brincar e criar. Por isso, é importante entender que se aventurar em um novo contexto para além da sala formal possibilita às crianças o contato com diferentes elementos, texturas, temperaturas, sons e sensações. Em Erechim, uma experiência é lembrada com carinho pela equipe pedagógica: “Ao chegar em uma praça, encontramos a grama e a quadra esportiva com poças d’água. Era um dia de outono com temperaturas não muito elevadas que se tornou cenário propício para as crianças experimentarem uma sensação diferente: tirem os cal-

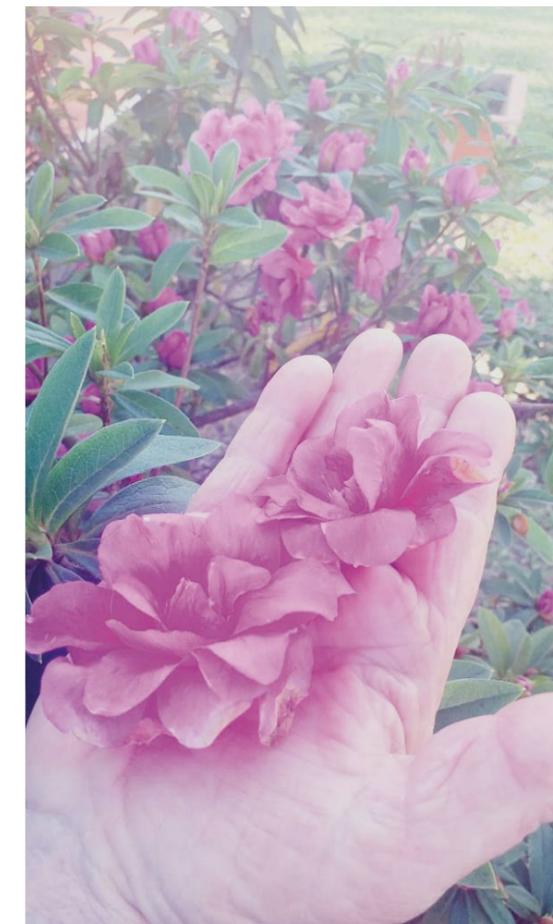




A cidade nos acolhe e, por vezes, parece que também nos escolhe! Sentir-se pertencente a um território que não é aquele em que você nasceu, conectar-se com a cultura e as histórias locais, entender o fluxo e os interesses da cidade parecem alguns dos pequenos convites diários que a cidade sensivelmente nos convoca – algumas vezes mais a apreciação e, outras, a ação. Em 2019, pela proposição de “artistar pela cidade”, os grupos de idosos do Programa Sesc Maturidade Ativa em todo Rio Grande do Sul foram convidados a se relacionarem com as artes mais proximamente. Os processos criativos e artísticos pautaram-se pela interdisciplinaridade, incentivando a autoria e protagonismo dos idosos aproximando-os da cultura e da história do lugar onde vivem. Ao cercarem-se dos elementos e símbolos que constituem a cultura visual de suas cidades, os grupos elaboraram diferentes experiências estéticas e artísticas distribuídas em oficinas, palestras e ações sociais a partir do contato com artes visuais, dança, música, teatro e literatura.

Ao observarem as habilidades artesanais que sabiam, os participantes foram incentivados a abondar as receitas de blusões e mantas que matematicamente contavam os pontos e se arriscaram a usar o trabalho manual por um outro viés que se relacionaria com a cidade a partir de pequenas intervenções. Rio Grande, Novo Hamburgo e Lagoa Vermelha, entre outras cidades, se interessaram pelo trabalho de algumas artistas contemporâneas como Joana Vasconcelos, Anne Galante e Karen Dolorez, que por exemplo, trabalham com o yarn-bombing. Em outras palavras, essas artistas produzem intervenções artísticas urbanas revestindo árvores, postes, monumentos e diversos espaços da cidade com fios de linha tricotados ou crochetedos manualmente ponto a ponto, inclusive como feito em Rio Grande, com resíduos de sacolas plásticas coletados pelo grupo. Em diálogo com as gestões municipais, os idosos elegeram alguns espaços para produzirem sua “explosão de fios coloridos”, que como bem

explicam IMBROSI e MARTINS (2021), trouxeram às ruas mais cor, alegria e até mesmo provocavam o público passante a olhar com mais atenção alguns pontos mais “invisibilizados ao olhar”. Os idosos de Quaraí e Três de Maio nos evidenciam que encantar-se com a cidade e exercitar olhá-la por outros ângulos não tem limite de idade. Revisitar as praças e monumentos com olhares estrangeiros mesmo vindo nela há mais de 40 anos pode ser um exercício bastante prazeroso, que através da fotografia auxilia a elaboração de novas percepções da cidade, gerando convites para atitudes de cuidado com a cidade, como por exemplo, a revitalização e adoção de uma praça buscando gerar maior conscientização da população local sobre as responsabilidades com a manutenção e cuidado com o território.



Acesse o catálogo de fotos produzido pelos participantes do Programa Sesc Maturidade Ativa em 2019.

**Referências:**

IMBROSI, Margaret; MARTINS, Simone. O que é Yarnbombing?. História das Artes, 2021.

MOLL, Jaqueline. Caminhos da Educação Integral no Brasil: Direitos a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Editora Penso, 2012.

SESC. Proposta Educativa Criar Sesc. Rio de Janeiro: Departamento Nacional, 2020.

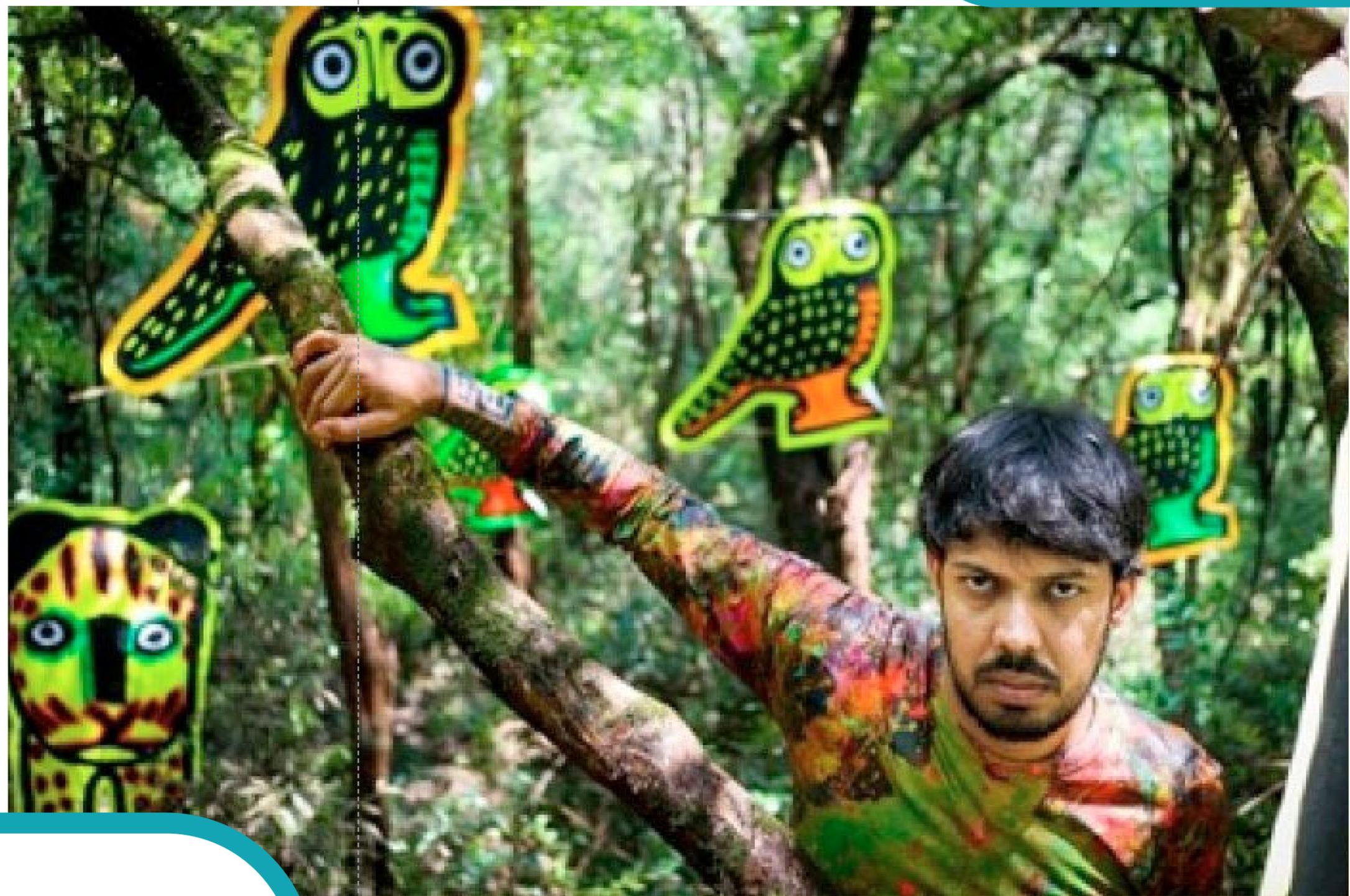


**EIXO 4**

**DIÁLOGOS**

**COM**

**ARTISTAS**



## DIÁLOGOS COM ARTISTAS:

Xadalu Tupã Jekupé/  
Dione Martins

Xadalu Tupã Jekupé é um artista mestiço que usa elementos da serigrafia, pintura, fotografia e objetos para abordar, em forma de arte urbana, o tensionamento entre as culturas indígena e ocidental nas cidades.



Kururu



Orukure'a

Sua obra, resultado das vivências nas aldeias e das conversas com sábios em volta da fogueira, tornou-se um dos recursos mais potentes das artes visuais contra o apagamento da cultura indígena no Rio Grande do Sul.

O diálogo e a integração com a comunidade Guarani Mbyá permitiram ao artista o resgate e reconhecimento da própria ancestralidade. Nascido em Alegrete, Xadalu tem origem ligada aos indígenas que historicamente habitavam as margens do Rio Ibirapuitã.

As águas que banharam sua infância carregam a história de Guaranis Mbyá, Charruas, Minuanos, Jaros e Mbones — assim como dos bisavós e trisavós do artista. De etnia desconhecida, eles eram parte de um fragmento indígena que resistia em casas de barro e capim à beira do Ibirapuitã, dedicando-se à pesca e vivendo ao redor do fogo mesmo depois do extermínio das aldeias da região.

A revelação de seu nome espiritual guarani, Tupã Jekupé, em batismo Nhemongarai (ritual de nomeação), pelo centenário cacique Karai Tataendy Ocă, é parte da reconexão de Xadalu com sua ancestralidade indígena.

Através do seu trabalho, busca fortalecer seu vínculo ancestral por meio da convivência com aldeias do sul do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Integra a cena mundial de arte urbana através do movimento sticker art, com cartazes e adesivos em mais de 60 países. Seus trabalhos estão em acervos particulares e públicos — como do Museu de Arte do Rio Grande do Sul e Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul. Aqui, abordaremos técnicas utilizadas pelo artista (lambe-lambe e stickers arts), que são criados por ele para construir diálogos e reflexões fundamentais dos povos indígenas.

### CONHECENDO UMA DAS TÉCNICAS DO ARTISTA: A STICKER ART

Ao passear pela cidade você já deve ter visto adesivos em formatos e cores diferentes colados em postes, muros ou placas - por vezes, trazem imagens, palavras ou símbolos que chamam

atenção de olhares mais observadores. A sticker art é uma manifestação artística pós-moderna, presente nas expressões da street art (arte de rua) que são realizadas no perímetro urbano. Bastante popular, a sticker art, a partir da década de 90, se fortaleceu por meio do trabalho de diversos grupos de artistas que avistavam os espaços da cidade como um suporte interessante para receber suas etiquetas adesivas, sejam elas autocolantes ou coladas manualmente no formato de lambe-lambe. Expostas à ação do tempo, essa forma de trabalho marca temporariamente diversas superfícies da cidade por adesivos feitos manualmente, por serigrafia ou mesmo impressão a jato de tinta. Uma imagem inédita ou símbolo icônico criado pelo artista é repetidamente espalhado pela cidade buscando chamar atenção pela diversidade de espaços que pode ocupar produzindo diálogos e contrastes com o lugar.

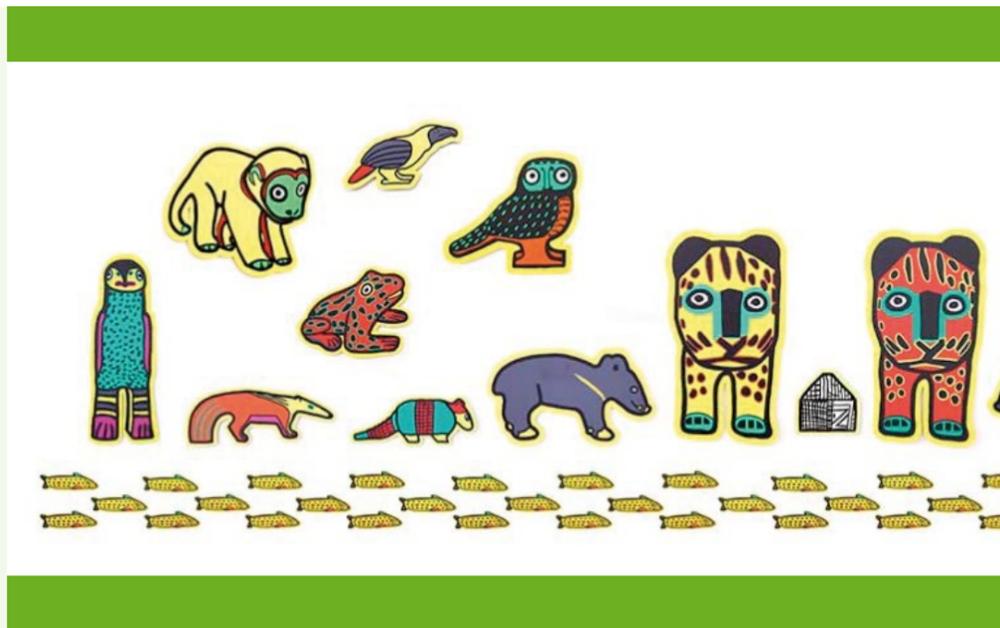
## CONHEÇA MAIS SOBRE O ARTISTA E SUA OBRA

### PROPOSTA DE REFLEXÃO E PESQUISA:

Quando você der uma caminhada pelo centro da cidade, coloque sua atenção nos cartazes e adesivos que, por vezes, ficam escondidinhos em um cordão da calçada ou atrás de uma placa. Fotografe as que te interessar e tente, pela assinatura ou marca deixada, identificar a autoria do artista. Esses cartazes e adesivos frequentemente encontrados nos espaços urbanos das cidades estimulam a criação de relações estéticas que provocam novos meios de perceber sua cidade, seu bairro, sua rua. Compartilhe suas pesquisas com outras pessoas: será que seus familiares, amigos ou alunos já tinham observado esses detalhes na cidade?

### PROPOSTA PRÁTICA:

A partir do trabalho de Xadalu Tupã Jekupé, vamos produzir um sticker personalizado para completar a família de animais escolhidos pelo artista na exposição Fauna Guarani. Eleja um animal para compor a sua fauna, pesquise imagens e selecione quais as características mais marcantes que você gostaria de trazer para o seu desenho. Com o desenho feito, produziremos um estêncil que possibilitará a repetição dessa imagem em diversas superfícies (papel, plástico, jornal). Depois, a imagem será colada em algum lugar especial ou mesmo diretamente no



objeto desejado, como a contracapa de uma agenda ou caderno.

### MATERIAIS:

Pedaço de papelão ou isopor  
Caneta  
Tesoura  
Tinta guache ou acrílica preta  
Pedaço de esponja ou algodão  
Papel sulfite, de desenho ou outra superfície para aplicar o estêncil

### COMO FAZER:

1 - Com a caneta, faça o desenho de seu animal no pedaço de papelão ou isopor valorizando os contornos. Pense que a imagem produzida no estêncil será um vazado, como a sombra de um objeto.

2 - Recorte a parte interna do seu desenho preservando o contorno dela.

3 - No espaço vazado, trabalharemos com a tinta, fazendo uma impressão manual das formas criadas em diferentes superfícies.

Se preferir, faça primeiro em um jornal para testar a quantidade de tinta, a força necessária e o jeitinho para retirar o estêncil sem borrar a forma impressa. Repita essa transferência



Escute o artigo



no local desejado buscando compor uma imagem.

4 - Caso tenha feito em uma folha de papel, espere secar e recorte o animal produzido. Depois, cole essa impressão em um lugar de sua preferência.



Jaguetê



Ka'i

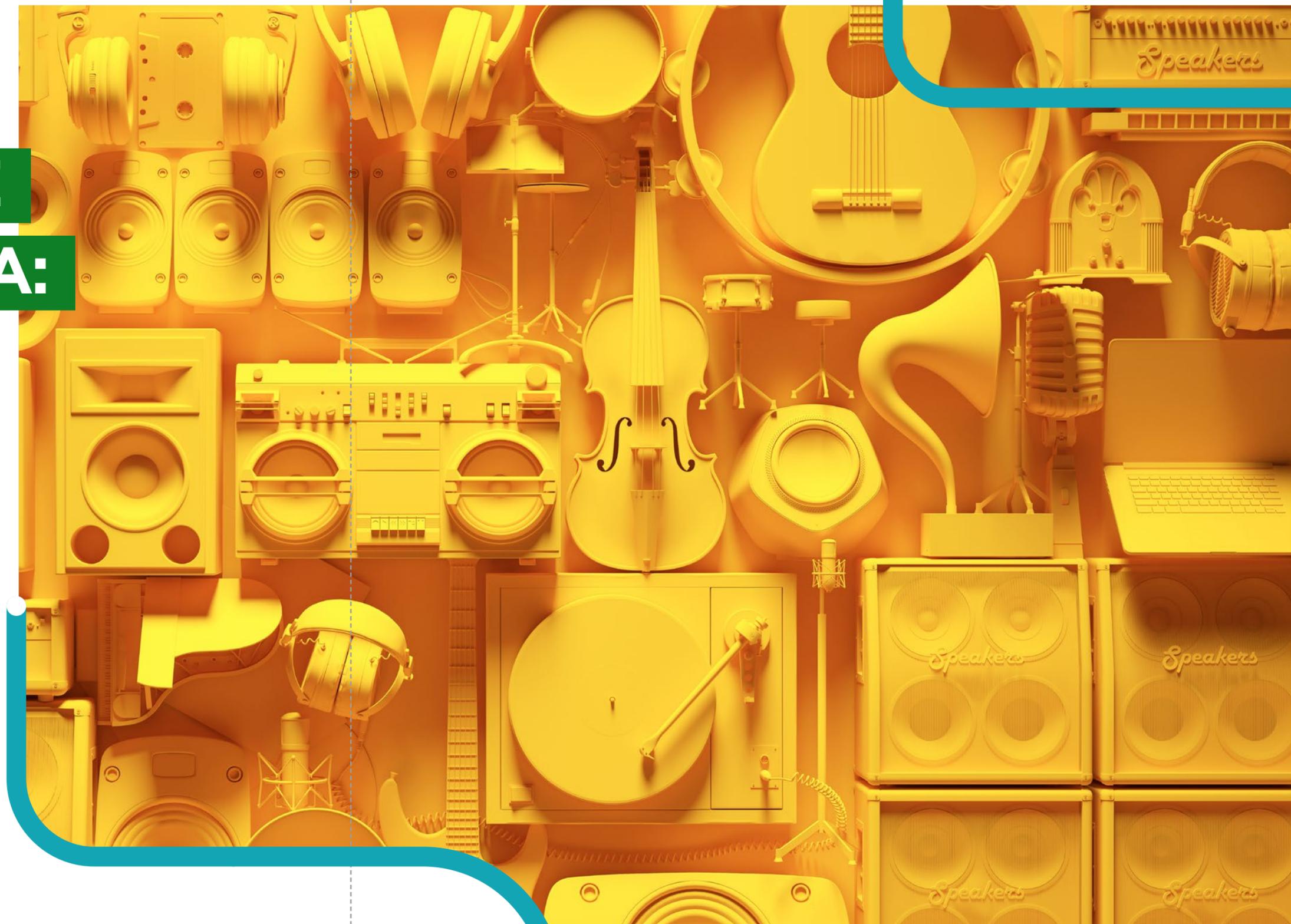
Para conhecer mais sobre o artista, acesse o site pelo QR Code



**EIXO 5**

**RELATOS DE**

**EXPERIÊNCIA:**



## SOMOS: MÚSICA EM ESTADO DE ENCONTRO

O presente relato pretende compartilhar com professores da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental narrativas construídas semanalmente nas conversações em criação experimentadas entre docentes do Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS) e da Secretaria Municipal de São Leopoldo. A pandemia possibilitou um tempo imprevisível e mais flexível de “estar juntas on-line” para pensar a escola e a docência, além de nos expor “as fragilidades de nossas democracias e de seus (im) previsíveis direitos prometidos (SKLIAR, 2019, p.14). Com Krenak (2019, p.67) fomos imaginando “ideias para adiar o fim do mundo”, no sentido de reordenar relações e espaços de novos entendimentos sobre como poderíamos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, entendendo que também somos natureza. Corpos que tocam a vida para produzir sentidos e provocar feitura criativas no/do cotidiano escolar a partir da dimensão musical. Entendemos que é preciso silenciar para ouvir as vozes da floresta ecoando em nossa alma. Escutamos a floresta de nossa casa, de nossa janela, de nosso pátio, de nossa praça, de nosso rio, de nossa cidade. Cada movimento de nosso ser ancestral nos ajudou a ver e colecionar a cor do outono com suas folhas, suas sementes, seus frutos. Conhecemos a aldeia Por Fi Ga em São Leopoldo, ouvimos suas histórias, seus cantos, sua memória coletiva-individual e nos entregamos a experimentar sua música. Essa feitura corporal que é inteira, sem fronteiras, voz imaterial de um povo que dança com passos firmados, com pintura corporal, com uma diversidade de adornos e instrumentos musicais. A cosmologia nos ensinou que o canto faz bem à alma e ao coração, “se estamos tristes cantamos; se em conflito em defesa de nossos direitos, cantamos; se celebramos a vitória, cantamos para agradecer” (KAMBEBA, 2020, p. 89). Aprendemos que as Cantigas de Makuru, são suas canções de ninar, entoadas para que as crianças possam sonhar, visitar terras distantes e receber cantos das divindades. Existe música para chamar o espírito da cobra, que abre novo tempo de reflexão. Outra pra dar conselhos e conduzir os passos do povo, que chama o curupira. Escutamos o canto do gwirá (joão-de-barro), tupi da terra ancestral que a liberdade toca e esculpe a vida do alto da k’uya (casa). Nessa convivência, fomos compartilhando na plataforma digital com nossos alunos, diferentes pedacinhos de nossos saberes e fazeres. Ao lado, destacamos algumas dessas narrativas:

**MÚSICA?** Cacique WOIA, da etnia Xokleng, nos diz que a música é nosso símbolo sagrado de sabedoria. Ela é como fogo, uma chama que chama todos os sentidos, todos os sons para si mesmo ao círculo, para que todos saibamos escutar; é transformação! Acessar: < [https://www.instagram.com/tv/CM\\_W0jInmdn/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CM_W0jInmdn/?utm_medium=copy_link) >

**PALAVRA BRINQUEDO:** como os indígenas, brincamos com as palavras e criamos PANDEMIA, o grito de resistência na voz dos professores. Produção Programa de Extensão Piá 2021. Acessar: < <https://soundcloud.com/podquestim-ufrgs/pandemia> >

**ESCUITA?** Para os indígenas, a escuta é o desenho da memória. Ouça a história do povo mbya-guarani na voz da professora Bianca Oliveira Cardoso. [https://www.instagram.com/tv/CBRLza5pccp/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CBRLza5pccp/?utm_medium=copy_link)

**SOM DO BARRO:** como o joão-de-barro, colocamos a mão no barro e conhecemos a produção de cerâmica dos indígenas, bem como os instrumentos musicais confeccionados por Augusto Vargas. Professora Tais Luiz Cortigaz

[https://drive.google.com/file/d/1GaJb37GuCg8UBccsoKCMeDe7NR\\_3II75/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1GaJb37GuCg8UBccsoKCMeDe7NR_3II75/view?usp=sharing)

**O SOM DA FLORESTA:** ouvindo nossa terra brasilis, professora Paula Emenke. Acessar < <https://drive.google.com/file/d/1y2hpOBIXDiFplvwodbp7WmbdFitODZOE/view?u=sp=sharing> >

**MARACÁS:** observando sementes e construindo instrumentos. Professora Tais Luz Cortigaz. <https://drive.google.com/file/d/1B9irT3sjPAmgvctGfhrLq7RBisRfYLR/view?usp=sharing>

**Tico-ticos do Sul:** Pó di questim! Uma série de podcasts que apresentam os tico-ticos gaúchos, narram o conto do tico-tico e tocam o chorinho Tico-tico no Fubá de Zequinha de Abreu. Produção: Programa de Extensão Piá 2021.

1) <https://soundcloud.com/podquestim-ufrgs/tico-tico-no-sul?in=podquestimufgrs/sets/choro>

2) <https://soundcloud.com/podquestim-ufrgs/conto-do-tico-tico>

3) <https://soundcloud.com/podquestim-ufrgs/tico-tico-no-fuba>

### Para saber mais

MENEZES, Ana Luisa et all. Nhandereko Kue Kyringue’i Reko Ra: nossa história para crianças. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015. Disponível em: [https://issuu.com/imprensa.livre/docs/nossa\\_hist\\_\\_ria](https://issuu.com/imprensa.livre/docs/nossa_hist__ria)

### Referências

KAMBEBA, Márcia. Saberes da Floresta. São Paulo: Jandaíra, 2020.  
KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.  
SKLIAR, Carlos. A escuta da diferença. Porto Alegre: Mediação, 2019.

## AUTORES:

Texto “Somos: música em estado de encontro” – currículos dos autores

**Bianca Oliveira Cardoso (SMED/SL):** Professora e assessora pedagógica do projeto “Barulhar a música da infância” na SMED São Leopoldo/RS. Mestranda em Educação PPG Educação - Unisccom, bolsa PROSUC/Capes.

**Deia Alencar (Piá -UFRGS):** Acadêmica do curso de Pedagogia da UFRGS. Participante do Programa de Extensão Piá. Coordenadora do Ponto de Cultura Biguá em Guaíba/RS.

**Dulcimarta Lemos Lino (FACED/ UFRGS):** Pianista e professora de Educação Musical na Faculdade de Educação da UFRGS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Escuta Poética e do Programa de Extensão Piá 2021, que realiza concertos e oficinas musicais para crianças em territórios educativos. Coordenadora do Projeto Barulhar: a música na infância na SMED em São Leopoldo/RS.

**Matheus Camilio Viana (Piá UFRGS):** Acadêmico no curso de Música na UFRGS. Participante do projeto Piá.

**Paula Emenke (SMED SL):** Bióloga, pós-graduada em Ludopedagogia e Literatura Infantil, professora de Educação Infantil em São Leopoldo. Integrante do grupo de pesquisa Escuta Poética (UFRGS) e do projeto Barulhar: a música da infância, na Escola Municipal de Arte Pequeno Príncipe em São Leopoldo/RS.

**Tais Luz Cortinaz (SMED SL):** Pedagoga e professora de Educação Infantil. Integrante do projeto Barulhar: a música da infância na Escola de Arte Pequeno Príncipe em São Leopoldo/RS.



Escute o artigo



## CORPO A DANÇAR:

O movimento é aquilo que se dá entre, pois entre uma pose e outra, há movimento. As mudanças e transformações são movimentos, ele está em tudo. Inclusive, quando dizemos que estamos parados, internamente estamos em movimento. Portanto podemos dizer que, o movimento constitui nossa natureza e nos coloca em relação com outras naturezas. Esse constante movimento da vida, chamo de corpo a dançar. São moveres que podem nos afetar, produzir sensações, ativar sentimentos e emoções, alimentando os processos artísticos e educadores. Isadora Duncan (1877-1927) foi uma artista e precursora da dança moderna. Ela se inspirou nos movimentos da natureza para uma dança e vida livres. Hoje podemos nos inspirar nela e pensar um corpo que se coloca a dançar em casa, no quintal, no quarto, na escola, ao redor de uma árvore, perto de flores... Podemos começar imitando a natureza e, aos poucos, ir transformando essa imitação, ou seja, criando. Podemos definir ritmos, fazer sons, escolher as direções e velocidades, dar um sentido específico ou até contar uma história com os movimentos dançantes. Basta experimentar, imaginar, explorar possibilidades, fazer escolhas e, assim, compor uma dança. Podemos artistar uma vida! Assim como este corpo-professor, artista e pesquisador que aqui relata como vem exercitado dançar a vida com movimentos que passam a compor suas aulas, pesquisas e processos artísticos. Um corpo a dançar que pensa a vida, a natureza, as experiências diversas como disparadoras para criar, dançar, aprender e ensinar. Precisamos de um corpo a dançar que busque uma educação criadora.

### Autor

Wagner Ferraz é doutor em Educação em Ciências, Mestre em Educação e Licenciado em Dança pela UFRGS. Licenciado em Pedagogia pela UNINTER. Autor e organizador de vários livros sobre corpo, educação e dança. Coordenador do Estudos do Corpo, onde se dedica à formação artística e docente. [ferrazwagner@gmail.com](mailto:ferrazwagner@gmail.com) / [www.estudosdocorpo.com](http://www.estudosdocorpo.com)

Wagner Ferraz



## TEATRO NA ESCOLA REMOTA

Como professor do Curso Graduação em Teatro: Licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, no decorrer primeiro semestre de 2021, orientei 10 alunos e alunas do Estágio de Docência em Teatro I, que foram desenvolvidos com turmas de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Experiência remota de ensino, tanto na orientação dos estúdios feita por mim, quanto na realização do mesmo pelos meus alunos e alunas. De início, tive muitas dúvidas sobre como conduzir esse trabalho, pois a realidade remota nos tira uma das características que definem o próprio evento teatral: o convívio em corpo presente no mesmo espaço durante um tempo determinado entre pessoas que se dispõem à experiência com esta forma de arte. Nos primeiros encontros de orientação, as perguntas que nos acompanhavam eram sobre como preservar um espaço de jogo e brincadeira como ideia de teatro, principalmente com as crianças que compunham as turmas nas quais os estúdios se dariam. Nossa preocupação foi escolher abordagens que preservassem aspectos do jogo teatral e que pudessem ser realizadas em contexto de ensino remoto, em que o convívio é mediado por aparelhos e aparatos tecnológicos como telefone celular e computadores.

As respostas em termos metodológicos que encontramos partiram de revisões de possibilidades que poderiam ser realizadas nos limites do ensino remoto, que no decorrer do semestre se tornou híbrido. Os planos desenvolvidos nos estúdios abarcaram jogos tradicionais, jogo teatral, paisagem sonora, teatro de sombras, teatro de objetos, o imaginário de contos e lendas populares do Brasil, contação e invenção de histórias. Assim, os estúdios foram tomando forma, e o que parecia impossível no início se configurou em uma experiência rica, compartilhada com as crianças, as educadoras das escolas em que os estúdios se realizaram e os familiares das crianças. A participação das famílias durante as aulas ou na realização de tarefas combinadas foi um misto de emocionante participação e silêncio.

O aproveitamento dessas possibilidades dependeu das condições de acesso à tecnologia e internet de cada contexto, da gestão escolar e da vontade das crianças e professoras regentes de cada contexto em que nos fizemos presentes. Mas podemos dizer que encontramos caminhos para continuar e que, mesmo em uma presença parcial, percebemos que as crianças continuam interessadas em jogar, imaginar e inventar formas. Interesses que o teatro e as artes em geral contemplam, mesmo em tempos difíceis como estes.

### Autor seguido do currículo

**Carlos Mödinger:** Doutor em Artes Cênicas pela UFRGS (2020). Mestre em Letras pela PUC/RS (2006), Licenciado em Educação Artística - Habilitação Artes Cênicas pela UFRGS (1996). Atualmente é, Professor Assistente na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), com atuação no Curso de Graduação em Teatro: Licenciatura em Montenegro/RS.

## CONVITES PARA TRANSVER

Esperamos que as vivências, imagens e pensamentos compartilhados cheguem em você como um convite para transver o mundo. O poeta Manoel de Barros generosamente nos lembra que, enquanto o olho é capaz de ver, a lembrança revê e a imaginação transvê.

Ver, sentir, criar e imaginar o mundo para além das bordas seguras e lógicas com que muitas vezes as práticas educativas são elaboradas confere uma outra responsabilidade aos educadores – oferece desafio, risco e desestabiliza as zonas seguras. Cava espaço para que novas formas de aprendizagem, pautadas pela curiosidade e pela reflexão, possam acontecer tanto em espaços educativos formais quanto não formais.

A natureza, em sua pluralidade de elementos, formas, texturas, cores e sons, pode ser um bom disparador para a promoção de ações mais criativas e de conscientização sobre a beleza e escassez de seus recursos. Ao promovermos experiências de mais mãos e pés na terra, de plantio e colheita, de brincar, de fazer comidinhas de barro, de espremer para sentir o cheiro e conhecer as cores, de provar e experimentar, de partilhar e se alegrar com as conquistas e descobertas, estaremos contribuindo para aprendizagens e ações mais conscientes frente à preservação dos recursos naturais e da inseparabilidade entre humanidade e natureza.

## SOBRE A REVISTA

A Revista Sesc de Arte Educação é criada com o objetivo de ser, ao mesmo tempo, um dispositivo de pesquisa, criação e mediação em arte no qual educadores são convidados a compartilhar suas vivências com arte em espaços formais e não formais. Disponível totalmente on-line para interessados nas artes, seu principal diferencial está no fato de que as práticas elencadas não desejam compor um manual ou cartilha a serem seguidos, mas sim, convidam o leitor/educador à experimentação e à criação de seus próprios percursos por meio das artes. A revista é, portanto, um material que pode ser fruído e lido por diferentes portas de entrada: pelas imagens, pelos textos e memórias, pelas obras de arte e artistas indicados, pelas sugestões de leitura e aprofundamento.

